

A percepção da variação pronominal entre *teu/seu* no português brasileiro: um estudo de interface prosódia-pragmática /

*La percepción de la variación pronominal entre *teu/seu* en portugués brasileño: un estudio de interfaz prosodia-pragmática*

*Brenda Gonçalves Tosi**

Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente cursa o doutorado em Letras Vernáculas pela mesma instituição. Atua como adjunta na coordenação de cursos do Centro de Idiomas da Universidade da Força Aérea (UNIFA). Sua trajetória acadêmica e profissional está voltada para o ensino e a pesquisa na área de Língua Portuguesa e Linguística.

 <https://orcid.org/0009-0003-7463-5631>

*Thiago Laurentino de Oliveira***

Mestre e doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente de Língua Portuguesa no Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ desde 2018. Professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Linguística e no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ. Coautor do livro *Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval*, publicado pela Parábola Editorial em 2018. Autor de diversos capítulos de livros e artigos acadêmicos da área de Letras e Linguística. Coordenador do projeto de extensão *Metodologias ativas no ensino de Linguagens - da teoria à prática*.

 <https://orcid.org/0000-0002-9537-5264>

*Manuella Carnaval****

Mestre e Doutora em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Adjunta de Língua Portuguesa no Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ desde 2023. Atualmente, é representante do Setor de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da UFRJ. Tem experiência em Linguística, mais especificamente na área de Prosódia, desenvolvendo estudos de caráter Entoacional e Multimodal sobre o Português do Brasil. É professora colaboradora no projeto de extensão *Metodologias Ativas no ensino de Linguagens – da teoria à prática*.

 <https://orcid.org/0000-0002-4321-5859>

Recebido em: 19 fev. 2025. Aprovado em: 20 mar. 2025.

Como citar este artigo:

TOSI, Brenda Gonçalves; OLIVEIRA, Thiago Laurentino de.; CARNAVAL, Manuella. A percepção da variação pronominal entre *teu/seu* no português brasileiro: um estudo de interface prosódia-pragmática. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 14, n. Especial, e6344. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.17001419

RESUMO

Neste artigo, analisamos e discutimos a percepção da variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular (2SG) *teu* e *seu* por falantes do Português Brasileiro (PB), focalizando, em particular, a variedade do Rio de Janeiro. A partir deste estudo, intencionamos: verificar experimentalmente como os falantes da variedade carioca do PB percebem e avaliam a presença dessas variantes em enunciados sonoros; identificar com quais significados sociais eles associam o uso de *seu* e *teu*; analisar em que medida os aspectos prosódicos dos enunciados podem

influenciar a percepção e a avaliação do fenômeno variável em questão. Para essa investigação, propomos um estudo de interface, no qual conjugamos a Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]; Campbell-Kibler, 2010; Eckert, 2019) com a perspectiva de análise suprasegmental dos enunciados, sobretudo em relação à função expressiva da prosódia (Fógyany, 1993) e ao simbolismo sonoro (Ohala, 1994; Gussenhoven, 2004). Quanto à metodologia, adotamos uma abordagem experimental, a fim de capturar as percepções dos falantes. No primeiro momento, realizamos o que Freitag (2018) classifica como abordagem direta; em um segundo momento, desenvolvemos uma tarefa de julgamento com escala (Schütze; Sprouse, 2014). De forma geral, é evidente a influência dos aspectos prosódicos na percepção e avaliação dos falantes em relação às variantes *teu* e *seu*. Os dados analisados demonstram que os aspectos suprasegmentais podem atuar tanto no reforço quanto na atenuação dos significados sociais atribuídos a essas formas, evidenciando a função expressiva da prosódia (Fónagy, 2003).

PALAVRAS-CHAVE: Variação; Prosódia; Percepção; Pronomes possessivos.

RESUMEN

En este artículo, se analiza y discute la percepción de la variación de los posesivos de segunda persona del singular (2SG) “teu” (“tu”) y “seu” (“su”) por hablantes de Portugués Brasileño (PB), enfocándose, en particular, en la variedad de Rio de Janeiro. A partir de este estudio, se pretende: verificar experimentalmente cómo los hablantes de la variedad carioca de PB perciben y evalúan la presencia de esas variantes en enunciados sonoros; identificar con qué significados sociales asocian el uso de “teu” y “seu”; analizar en qué medida los aspectos prosódicos de los enunciados pueden influir en la percepción y evaluación de dicho fenómeno variable. Para esta investigación, se propone un estudio de interfaz, en el cual se conjuga la Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]; Campbell-Kibler, 2010; Eckert, 2019) con la perspectiva del análisis suprasegmental de los enunciados, sobre todo en relación con la función expresiva de la prosodia (Fógyany, 1993) y al simbolismo sonoro (Ohala, 1994; Gussenhoven, 2004). En cuanto a la metodología, se adopta un enfoque experimental, con el fin de capturar las percepciones de los hablantes. Primeramente, se realiza lo que Freitag (2018) clasifica como enfoque directo; en seguida, se desarrolla una tarea de juicio con escala (Schütze; Sprouse, 2014). De forma general, es evidente la influencia de los aspectos prosódicos en la percepción y evaluación de los hablantes en relación con las variantes “teu” y “seu”. Los datos analizados demuestran que los aspectos suprasegmentales pueden actuar tanto en el refuerzo como en la atenuación de los significados sociales atribuidos a esas formas, lo que evidencia la función expresiva de la prosodia (Fónagy, 2003).

PALABRAS CLAVE: Variación; Prosodia; Percepción; Posesivos.

1 Introdução

Neste artigo, analisamos e discutimos a percepção da variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular (2SG) por falantes do Português Brasileiro (PB), focalizando, em particular, a variedade do Rio de Janeiro. As variantes em estudo correspondem às formas pronominais *seu* e *teu*, que, como ilustrado em (1), são intercambiáveis nos mesmos contextos sem alterar o significado geral do enunciado:

- (1) a. “João, **seu** casaco ficou no carro”
b. “João, **teu** casaco ficou no carro”

São objetivos deste trabalho: verificar experimentalmente como os falantes da variedade carioca do PB percebem e avaliam a presença dessas variantes em enunciados sonoros;

identificar com quais significados sociais eles relacionam o uso de *seu* e *teu*; observar em que medida aspectos prosódicos dos enunciados podem influenciar a percepção e a avaliação do fenômeno variável em questão. Para cumprir esses objetivos, propomos um estudo de interface, no qual conjugamos a Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]; Campbell-Kibler, 2010; Eckert, 2019) com a perspectiva de análise suprasegmental dos enunciados, sobretudo em relação à função expressiva da prosódia (Fógan, 1993) e ao simbolismo sonoro (Ohala, 1994; Gussenhoven, 2004).

Quanto à metodologia, adotamos uma abordagem experimental, a fim de capturar as percepções dos falantes. Desenvolvemos uma tarefa de julgamento com escala (Schütze; Sprouse, 2014), na qual os participantes foram expostos a estímulos auditivos com as variantes pronominais sendo produzidas em três contextos de enunciação distintos. O desenho da tarefa possibilitou, assim, a análise tanto de fatores sociopragmáticos, relativos a possíveis significados sociais vinculados aos pronomes, quanto fatores prosódicos, como será descrito em seções específicas. Nossas hipóteses principais, fundamentadas em estudos anteriores sobre o tema, baseados em *corpora* (Pereira, 2016; Tosi, 2021; Oliveira 2; Tosi 1, 2024) são: os falantes do Rio de Janeiro percebem e avaliam as variantes *seu* e *teu* de maneiras distintas; *teu* indica significados sociais diversos, sendo percebido como um uso mais grosseiro e/ou informal; o uso de *seu* é menos notado (Squires, 2016) pelos falantes, que não o associam consistentemente a significados sociais específicos; os contextos prosódicos nos quais as variantes são locucionadas influenciam a percepção dos falantes, reforçando ou atenuando a associação com significados sociais.

Estruturamos este artigo da seguinte forma: após esta introdução, revisamos brevemente, em 2, os trabalhos sociolinguísticos que investigaram a variação pronominal possessiva de 2SG no Rio de Janeiro; em 3, delineamos os pressupostos teóricos da Sociolinguística e da Prosódia que embasam nossas análises; na seção 4, descrevemos a metodologia experimental utilizada para a análise da percepção do fenômeno variável em foco; analisamos os resultados alcançados, a partir da aplicação do experimento, em 5, discutindo as respostas dos participantes e verificando como os padrões melódicos dos enunciados ouvidos influenciaram as avaliações; em 6, encerramos as discussões com as considerações finais, ressaltando os principais achados desta investigação.

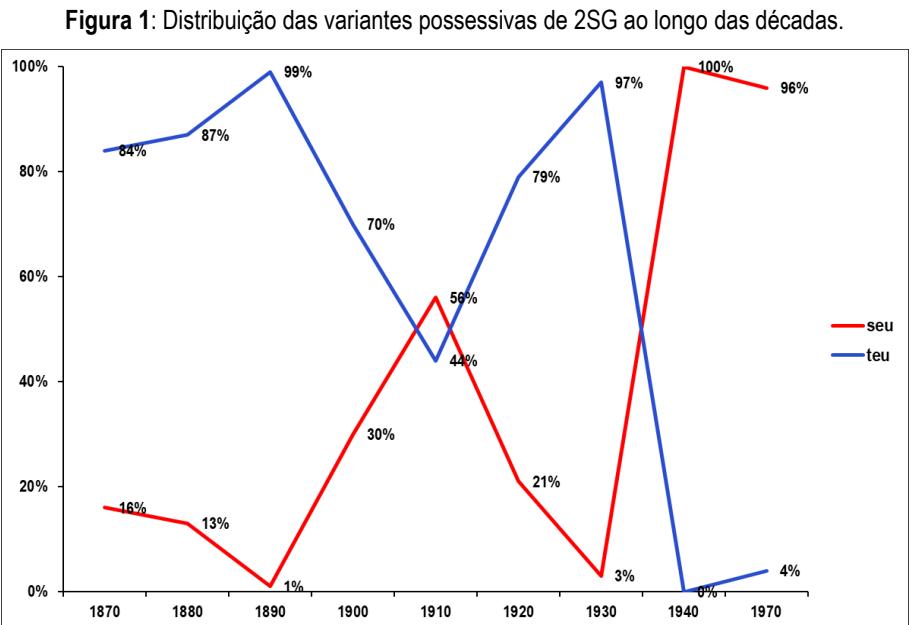
2 A variação pronominal possessiva de 2SG

Ao revisar a literatura sobre a expressão pronominal de 2SG no PB, constatamos que, quantitativamente, os estudos dos possessivos não são numerosos, sobretudo se os compararmos com a farta bibliografia existente acerca da posição de sujeito (cf. Scherre *et al.*, 2015; Lopes *et al.*, 2018). Se restringirmos o foco aos trabalhos que analisaram a variedade do Rio de Janeiro em uma perspectiva variacionista, não chegamos a uma dezena de estudos realizados. Nos próximos parágrafos, relatamos as pesquisas já realizadas sobre a variação *seu/teu* no Rio de Janeiro, buscando destacar seus objetivos, o *corpus* utilizado e os principais resultados obtidos.

Machado (2011) analisou as formas de tratamento presentes em peças teatrais brasileiras e portuguesas dos séculos XIX e XX. No que se refere à amostra brasileira, foram 14 obras examinadas, produzidas entre os anos de 1846 e 2003. Embora o foco da pesquisa fosse as formas pronominais nominativas, a autora registrou as ocorrências de pronomes de 2SG em outros contextos sintáticos, como os possessivos. Ao todo, ela encontrou 978 dados de formas pronominais possessivas, dentre as quais 80% (785) correspondiam à variante *seu*, 18% (174) à variante *teu*, e 2% (19) à variante *vosso*. Com exceção de 2 peças (a de 1908 e a de 2003), em todas as demais *seu* foi a variante mais frequente. Por hipótese, Machado (2011) afirma que os altos índices de *seu* nas peças brasileiras são reflexo da expansão de uso de *você* na posição de sujeito nessa variedade. A autora não tece considerações acerca de possíveis fatores extralingüísticos.

Pereira (2016) realizou um estudo diacrônico totalmente voltado para os pronomes possessivos de 2SG. A partir de 363 cartas pessoais escritas entre 1870 e 1970, a autora analisou as variantes *seu* e *teu* buscando verificar os fatores linguísticos e extralingüísticos que condicionavam a variação e observar o comportamento do pronome *seu*. Foi levantado um total de 1.376 ocorrências, das quais 76% (1.041) eram da variante *teu* e apenas 24% (335) da variante *seu*. Apesar de *teu* ser predominante na amostra, a pesquisadora verificou que essa variante “não

teve uma distribuição regular ao longo de 100 anos”¹ (Pereira, 2016, p. 70), como podemos ver na Fig. 1:



Fonte: adaptado de Pereira (2016, p. 70).

Nota-se que, nas cartas pessoais escritas até 1900, há um predomínio de *teu* sobre *seu*; já na documentação a partir de 1940, a situação se inverte e *seu* passou a ser a variante mais frequente. Para além da influência do *corpus* (as cartas analisadas nem sempre eram escritas por indivíduos com perfis sociais similares), Pereira (2016) atribui o aumento de *seu* à expansão de uso de *você* na posição de sujeito, que teria ocorrido no PB a partir das primeiras décadas do século XX (Machado, 2011; Souza, 2012) e influenciado outros contextos sintáticos da expressão pronominal de 2SG.

Quanto aos fatores extralingüísticos, Pereira (2016) observa que, nas sincronias mais pretéritas, *seu* “mostrou-se mais produtivo em cartas de mulheres ilustres, o que traz indícios de

¹ Segundo Souza (2012), a partir da década de 40 é possível notar um relevante crescimento do pronome de tratamento *você* no paradigma de segunda pessoa e, como observamos nos dados de Pereira (2016), nota-se também, paralelamente, o crescimento de *seu* como estratégia possessiva de segunda pessoa, traçando um forte indicativo de que a entrada de *você* na posição de sujeito gerou um aumento relevante do uso de *seu* como forma possessiva.

que a forma tinha certo prestígio” (p. 176). Com base nesse dado, a autora levanta a hipótese de que o uso de *seu* pode ter sido impulsionado por falantes do gênero feminino, indicando uma possível influência dessa variável na variação linguística observada.

Tosi (2021) investigou, na sincronia atual, a variação entre *teu* e *seu* na variedade carioca, a partir de um *corpus* composto por 362 esquetes humorísticos. A autora registrou a ocorrência de 773 dados, sendo 60,5% de *seu* (468) e 39,5% de *teu* (305). Esses dados foram analisados segundo doze grupos de fatores linguísticos e extralingüísticos, dentre os quais cinco foram selecionados como relevantes estatisticamente: a forma de tratamento utilizada na posição de sujeito, a naturalidade dos atores/atrizes, relação interpessoal estabelecida no episódio, o sexo/gênero² dos atores/das atrizes e animacidade do nome possuído. Em linhas gerais, os resultados de Tosi (2021) mostraram que o uso de *teu* era favorecido pela utilização do pronome *tu* na posição de sujeito, na fala de atores naturais da cidade do Rio de Janeiro, em cenas que representavam relações interpessoais mais íntimas, na fala dos atores homens e quando estava relacionado a nomes [+animados].

A partir de Tosi (2021), Oliveira e Tosi (2024) exploraram os significados sociais vinculados aos possessivos de 2SG, principalmente à variante *teu*. Como hipótese, os autores postulam que *teu* indica valores como informalidade, agressividade e masculinidade na variedade carioca. A análise se centrou nas ocorrências de pronomes possessivos produzidos por um mesmo ator (Fábio Porchat). Os resultados do estudo evidenciaram que os índices de *teu* nas falas do ator eram maiores em cenas com personagens representativos de um padrão estereotipado de masculinidade e em cenas com situações mais informais.

Em síntese, essa breve revisão das pesquisas sobre a variação pronominal possessiva de 2SG na variedade do Rio de Janeiro nos permite concluir que: as formas *seu* e *teu* estão em variação linguística desde, pelo menos, fins do século XIX; há fatores estruturais que influenciam fortemente esse fenômeno variável; há evidências pontuais de variáveis extralingüísticas que condicionam a produção das variantes. Dando prosseguimento a este estudo, passemos aos pressupostos teóricos.

² A escolha do termo sexo/gênero neste trabalho justifica-se pela intenção de englobar tanto os aspectos biológicos quanto os socioculturais da identidade, reconhecendo a interdependência desses conceitos sem tratá-los como categorias rigidamente separadas. Além disso, tal escolha nos permite evitar reducionismos e reflete uma abordagem mais inclusiva, alinhada às discussões contemporâneas em diferentes áreas do conhecimento.

3 Pressupostos teóricos

3.1 Percepção sociolinguística, significados sociais e indicialidade

Para conduzir esta pesquisa, assumimos a perspectiva sociovariacionista dos estudos linguísticos (Labov, 2008 [1972]). Em consonância com os trabalhos mencionados na seção anterior, entendemos que, na variedade do PB falada na cidade do Rio de Janeiro, a expressão pronominal possessiva com referência à 2SG constitui uma regra variável, cujas variantes principais são *seu* e *teu* (e as respectivas flexões de gênero e número – *sua/tua/seus/teus/suas/tuas*). Baseando-se no Princípio da Heterogeneidade Ordenada, defendemos, tal como as análises precedentes desse fenômeno em português, que diferentes fatores linguísticos e extralinguísticos atuam como condicionadores das variantes possessivas de 2SG. Focalizaremos, neste estudo, a influência dos fatores sociais, conforme descreveremos na seção de metodologia.

No entanto, diferentemente dos trabalhos empreendidos por Machado (2011), Pereira (2016), Tosi (2021) e Oliveira e Tosi (2024), não exploraremos dados de produção, mas de percepção (socio)linguística acerca das variantes possessivas. Seguindo a conceituação de Campbell-Kibler (2010, p. 378), utilizamos o termo percepção para “se referir aos processos envolvidos quando as pessoas são expostas a estímulos externos, neste caso, material linguístico, e extraem informações a partir dele”³. Dessa definição, a autora propõe três dimensões de pesquisa em percepção sociolinguística: (i) a avaliação social da fala; (ii) a extração de informações sociais a partir da fala; (iii) contribuições da informação social para a compreensão linguística. Destacamos, para esta pesquisa, a segunda dimensão delineada por Campbell-Kibler (2010).

Analizar como os falantes extraem informações sociais a partir de estímulos auditivos revela, segundo Campbell-Kibler (2010), informações importantes relativas ao processo social de formar e referenciar uma entidade social na mente. Dito de outro modo, estudar a percepção sociolinguística por essa perspectiva fornece evidências acerca dos vínculos que determinadas variantes linguísticas podem estabelecer com aspectos sociais, tais como etnia (Thomas; Reaser,

³ No original, em inglês: “to refer to the processes engaged when people are exposed to external stimuli, in this case linguistic material, and extract information from it.”

2004), lugar de origem (Clopper; Pisoni, 2007), orientação sexual (Levon, 2007) e mesmo em relação a posturas sociais e emoções.

Conforme apresentaremos mais adiante, essa influência prosódica nos enunciados foi controlada e será examinada na pesquisa com as variantes possessivas de 2SG. Assim, assumindo o conceito de percepção apresentado nos parágrafos precedentes e conjugando-o com os princípios gerais da Sociolinguística variacionista, postulamos que a percepção de *seu* e *teu* no Rio de Janeiro é influenciada por fatores sociais associados a essas variantes na referida variedade. Dessa maneira, também fundamentamos este estudo nos conceitos de significados sociais da variação (Eckert, 2019) e de indcialidade social das variantes linguísticas (Thomas, 2011; Eckert, 2019).

Nos trabalhos sociolinguísticos das últimas décadas, se tornou frequente a menção aos significados sociais da variação. Esse termo não deve ser confundido com a noção de fator condicionador, utilizada há décadas nas pesquisas da área como variáveis independentes que se correlacionam com os fenômenos linguísticos investigados (as variáveis dependentes). Hall-Lew, Moore e Podesva (2021, p. 3) propõem como definição para significado social “o conjunto de inferências que podem ser estabelecidas com base no modo como a língua é utilizada em uma interação específica”⁴. Partindo do emprego que tem sido dado a esse termo, postulamos que o significado social diz respeito a traços socioculturais de agrupamentos humanos que podem ser associados cognitivamente a expressões linguísticas (dentre elas, as variantes de uma variável linguística). Nesse sentido, Oushiro (2021, p. 325) observa que “(...) uma série de inferências são feitas de modo automático ao ouvir um falante. Como exatamente funciona o mecanismo de associação entre determinados usos linguísticos e certos significados sociais é objeto do estudo de avaliações e percepções”.

O objeto descrito por Oushiro (2021), eixo central das pesquisas de percepção sociolinguística, tem sido explicado teoricamente através do conceito de indcialidade. Eckert (2019), ao resgatar a teoria dos signos de Peirce (1960-1966), propõe que as variantes operam, no uso linguístico, como índices, estabelecendo uma relação existencial com os significados sociais. Nas palavras da autora,

⁴ No original, em inglês: “social meaning is the set of inferences that can be drawn on the basis of how language is used in a specific interaction”

Os índices indicam em vez de referir, entrando diretamente no terreno comum interacional para ‘apontar para’ a interpretação. O aspecto central da indicialidade é sua associatividade. Um signo indicial evoca algo no mundo físico, temporal ou social, e esse algo pode evocar outras coisas no mundo com uma flexibilidade limitada apenas pelo terreno comum.”⁵ (Eckert, 2019, p. 754)

Dito de outro modo, a explicação da linguista segue o raciocínio do dito popular “onde há fumaça há fogo”: a partir das formas linguísticas utilizadas pelos falantes, os ouvintes os associam cognitivamente a perfis sociais específicos. Essa associação pode se dar não só com categorias macrossociológicas (por exemplo, cidade de origem ou classe socioeconômica) como também com aspectos comportamentais e identitários (por exemplo, grosseria/gentileza e “carioquice” – ver seção 4). As variantes pronunciadas, portanto, induzem os ouvintes a inferir certas características sociais dos falantes que as produzem. Ainda de acordo com Eckert (2019), a indicialidade das variáveis sociolinguísticas se baseia integralmente na forma e nas origens sociais das variantes, não tendo relação com o conteúdo semântico que veiculam.

Na mesma direção, Thomas (2011, p. 710) afirma que “a indicialidade assume conexões cognitivas entre as variantes linguísticas de todos os domínios da língua e o conhecimento do falante sobre quem usa essas variantes, e/ou quando elas são usadas”⁶. Dessa forma, os falantes seriam capazes de associar significados sociais a um indivíduo a partir do seu repertório linguístico (que inclui desde o nível fonético-fonológico até os níveis sintático e lexical) justamente porque a indicialidade faz parte da competência comunicativa. Esse pressuposto é bastante relevante para os estudos de percepção, uma vez que, a partir dele, podemos prever que os ouvintes conseguem correlacionar significativamente determinadas variantes a significados sociais específicos em uma tarefa experimental, como a que descreveremos na seção de metodologia.

Antes de descrevermos a metodologia adotada, pontuaremos brevemente alguns pressupostos relacionados à chamada “função expressiva da prosódia” (Fógyany, 2003). Considerando que assumimos, nesta pesquisa, que aspectos suprasegmentais exercem um papel importante na construção dos significados sociais, é necessário delinejar que aspectos são

⁵ Do original, em inglês: “Indexes indicate rather than refer, entering directly into the interactional common ground to ‘point to’ interpretation. Central to indexicality is its associativeness. An indexical sign evokes something in the physical, temporal, or social world, and that something can evoke other things in the world with a flexibility limited only by common ground.”

⁶ Do original, em inglês: “Indexicality assumes cognitive connections between linguistic variants from every realm of language and a speaker’s knowledge of who uses those variants and/or When they are used.”

esses e como eles podem influenciar a percepção sociolinguística de fenômenos variáveis, como no caso da variação entre os pronomes possessivos *seu* e *teu*.

3.2. Função expressiva da prosódia e simbolismo sonoro

A Prosódia é a área da linguística que investiga as propriedades orais no nível suprassegmental da fala (Nooteboom, 1996). Com a variação de parâmetros acústicos (frequência fundamental, duração e intensidade), são definidos fenômenos prosódicos, como entoação, ritmo, acento, etc (Scarpa, 1999). A entoação, mais especificamente, se relaciona à variação melódica, isto é, dos valores de frequência fundamental (F0), que irão resultar em distintos padrões melódicos, responsáveis por veicular diferentes valores semântico-pragmáticos no sistema linguístico (Ladd, 1996).

A entoação pode ser abordada em termos de funções diversas, alocadas em um contínuo que se estabelece do nível mais linguístico, que engloba funções discursivas, demarcativas e de proeminência, para o nível mais extralinguístico, relativo a índices sociais (faixa etária, gênero, de escolaridade, etc) passando pelo nível paralinguístico, que diz respeito ao plano expressivo (atitudes, sentimentos e emoções) ("t Hart, Cohen & Collier, 1990; Ladd, 1996).

Segundo Fónagy (1993), a prosódia apresenta as seguintes funções: função demarcadora, que define unidades discursivas, organizando a mensagem em porções distintas; função culminativa ou enfática, que ressalta uma porção específica da sentença; função sintática, atuando como fator desambiguador; função modal, determinando a modalidade dos enunciados, assertivos e interrogativos; função preditiva, ao antecipar o que é veiculado no discurso; função expressiva, relacionada às emoções e atitudes; função identificadora, fornecendo índices para a caracterização dos falantes e de diferentes gêneros discursivos. Em nosso trabalho, lidamos com a função expressiva da prosódia.

A prosódia possui papel importante tanto na transmissão de significados relacionados à estrutura gramatical das palavras e sua configuração sintática quanto na transmissão do significado pragmático – contexto discursivo e situacional. Segundo a categorização de Fónagy (1993), propomos observar a relevância da função expressiva – emoções e atitudes intencionadas pelo falante. A perspectiva da expressividade do discurso, aqui adotada, dialoga com Madureira, de Souza Fontes e Camargo (2020) que considera o simbolismo sonoro um recurso intrínseco à função expressiva da prosódia. Este conceito se refere às características atribuídas – por um

interlocutor – a um falante a partir das propriedades acústicas e articulatórias de sua voz (Hinton, Nichols & Ohala 1994; Ohala 1997; Abelin, 1999).

Ohala (1994) estabelece um código de frequência vocal baseado na relação simbólica entre tamanho corporal e pitch, o correlato perceptivo da frequência fundamental da voz (F0 – frequência de vibração das pregas vocais). Dessa forma, haveria uma tendência natural que simbolismos como “grande”, “forte” e “dominante” sejam atribuídos a vozes mais graves, com menores valores de pitch, ao passo que simbolismos como “pequeno”, “fraco” e “submisso” sejam atribuídos a vozes mais agudas, com valores mais altos de pitch. Este código é entendido como universal, uma vez que apresenta caráter filogenético, e não arbitrário (Ohala, 1994).

Gussenhoven (2004) amplia esta visão, propondo um código baseado no conceito de “Esforço” vocal. Dessa forma, a interpretação simbólica de *pitch* mudaria de acordo com o esforço vocal empregado. Assim, o maior esforço vocal estaria relacionado a grandes mudanças de *pitch*, isto é, maiores oscilações melódicas, enquanto o menor esforço vocal empregado estaria relacionado a padrões melódicos mais “planos”, monótonos, com menor oscilação melódica.

Neste estudo, o conceito de simbolismo sonoro estabelece a interface entre a avaliação sociolinguística e o nível suprasegmental. Uma vez que buscamos identificar se rótulos/índices atribuídos a falantes do português do brasil no uso de formas possessivas de segunda pessoa (teu/seu) são influenciados por características prosódicas desses falantes, tecemos aqui uma abordagem prosódico-variacionista, a partir da percepção.

4 Metodologia

4.1 Primeira parte - definição dos índices estilísticos

Para investigar os significados sociais possivelmente associados a essas formas, desenvolvemos um modelo de entrevista focado na avaliação subjetiva. A abordagem metodológica adotada segue o que Freitag (2018) denomina de *abordagem direta*, na qual os participantes são convidados a expressar, de maneira objetiva e aberta, suas opiniões sobre um fenômeno linguístico variável. Nosso intuito era, após a coleta dessas respostas, mapear os significados sociais frequentemente associados a essas formas pelos entrevistados. Como esse fenômeno variável ainda é muito pouco estudado na variedade carioca, esse procedimento se fez

necessário para o presente estudo, pois precisávamos de um método de análise que nos permitisse compreender quais são os valores sociolinguísticos que circulam na comunidade de fala carioca em relação ao fenômeno em questão. Dessa forma, elaboramos, para esse fim, um roteiro que incentivava os “entrevistados” a emitir avaliações sobre o fenômeno.

As interações com os falantes cariocas ocorreram por diversos meios: através de conversas presenciais, por ligações telefônicas ou por gravações de áudio via aplicativos de mensagens instantâneas. Por se tratar de um levantamento de impressões subjetivas de caráter preliminar, os falantes foram selecionados de maneira aleatória, e a única restrição quanto ao perfil deles era que necessariamente tivessem nascido e morassem na cidade do Rio de Janeiro. Foram realizadas 23 entrevistas ao todo, com 16 mulheres e 8 homens⁷, com idades entre 22 e 57 anos.

Em termos gerais, os falantes frequentemente associaram o uso dos pronomes a: (i) uma questão diatópica, ligando a variante *teu* à região sul do Brasil; (ii) uma questão de registro, associando a variante *teu* à informalidade; (iii) uma questão de emotividade, conectando a variante *teu* à agressividade ou grosseria; e (iv) uma questão de sexo/gênero, vinculando a variante *teu* à fala masculina. Nas figs. 2 e 3, estão ilustradas duas nuvens de palavras criadas a partir das respostas coletadas. As características atribuídas a cada variante foram utilizadas na elaboração das nuvens, que representam a frequência das palavras associadas ao uso de *teu* e *seu*. Portanto, palavras maiores indicam uma frequência mais alta de menções para essas variantes.

Figura 2: Nuvem de palavras associadas ao uso de *teu*



Fonte: elaboração própria.

Figura 3: Nuvem de palavras associadas ao uso de *seu*



Fonte: elaboração própria.

⁷ Neste estágio da pesquisa, o objetivo não foi a realização de uma análise estatística, mas sim a condução de um levantamento qualitativo. Dessa forma, a distribuição dos participantes não compromete os propósitos do estudo, uma vez que o foco esteve na identificação dos valores sociolinguísticos que circulam na comunidade de fala carioca, e não na quantificação de padrões linguísticos dentro de uma amostra representativa. Nesse contexto, o número total de entrevistas revelou-se suficiente para fornecer *insights* relevantes sobre o fenômeno investigado. Além disso, a ausência de uma preocupação com a ortogonalidade dos dados reforça que a quantidade de entrevistas não constitui uma limitação metodológica.

Como podemos observar, as palavras que os falantes associaram ao uso de *teu* incluem os termos **comum**, **nervoso**, **informal**, **Sul** e **gíria**. Além disso, é possível notar que palavras derivadas e outras expressões pertencentes ao mesmo campo semântico de informal, como **descontraído**, **íntimo** e **gíria**, foram mencionadas pelos participantes. Destaca-se também a palavra **comum**, que apresenta termos correlatos como **normal**, **natural** e **cotidiano**. Essas associações, especialmente no que se refere à informalidade, corroboram nossas previsões e indicam que a variante *teu* é frequentemente associada a situações informais de comunicação. Além disso, a conexão entre *teu* e o índice **comum** sugere que os participantes cariocas percebem o seu uso, no Rio de Janeiro, como algo normal e cotidiano.

Em relação às palavras associadas ao uso de *seu*, destacam-se os termos **normal**, **formal**, **comum**, **sério**, **calmo** e **natural**. Ao contrário das palavras associadas ao possessivo *teu*, as palavras relacionadas a *seu* incluem algumas expressões que pertencem ao mesmo campo semântico de formalidade, como **culto**, **correto**, **alta escolaridade**, **educado** e **língua da escola**. Após analisarmos as palavras associadas ao uso de *seu*, é relevante observar que as associações com palavras como **comum** e **natural** se repetem, evidenciando que ambas as variantes possessivas são percebidas como produtivas na variedade carioca.

4.2 Segunda parte - elaboração e aplicação do experimento

Na segunda etapa metodológica, conduzimos um experimento segundo a técnica de julgamento de escolha induzida (cf. Schütze; Sprouse, 2014) com escala de diferenciais semânticos. Nele, os participantes foram expostos a estímulos sonoros contendo enunciados com os pronomes *teu* e *seu* e foram instruídos a avaliá-los de acordo com um conjunto de índices estilísticos, incluindo *grosseria* e *formalidade*. Elaboramos esses índices a partir das respostas obtidas na primeira etapa, de abordagem direta. O experimento construído levou em consideração as variáveis independentes identificadas abaixo:

- (a) TIPO DE PRONOME POSSESSIVO: *teu* ou *seu*
- (b) SEXO/GÊNERO DOS FALANTES: masculino ou feminino
- (c) CONTEXTO ENTOACIONAL DA GRAVAÇÃO: agressivo, neutro ou gentil

(d) FLEXÃO DE GÊNERO DO POSSESSIVO: masculino ou feminino

As condições deste estudo foram criadas de duas maneiras: (i) cruzando a variável tipo de pronome possessivo com a variável sexo/gênero dos falantes; (ii) cruzando a variável tipo de pronome possessivo com a variável contexto entoacional da gravação. Adicionalmente, destacamos que a variável mencionada em (d) não foi uma variável de análise, mas sim de controle, e, portanto, não foi utilizada na geração das condições experimentais. No que se refere à variável dependente, registramos, como resposta dos participantes, a nota que eles atribuíam para cada enunciado em cada um dos seis índices controlados. As notas eram dadas através da escala Likert de 5 pontos, onde “1” representava a menor nota (grau mais baixo de associação com o índice) e “5”, a maior nota (maior grau de associação com o índice avaliado).

Foram utilizados, no experimento, estímulos sonoros que apresentavam apenas uma forma possessiva, como em “João, seu casaco ficou no carro”. Quanto ao *corpus* utilizado, este é composto por 24 estímulos auditivos, 12 correspondem a gravações de fala feminina e 12 correspondem a gravações de fala masculina. Para realizar as gravações do *corpus*, foram selecionados dois falantes cariocas, um do sexo/gênero masculino, de 26 anos, e uma do sexo/gênero feminino, de 28 anos. As gravações foram realizadas no Laboratório de Fonética Acústica da UFRJ, com isolamento acústico e os aparelhos tecnológicos necessários para uma gravação limpa e eficiente. Além disso, após a gravação, todos os estímulos foram submetidos a um tratamento acústico apropriado no programa Praat (Boersma; Weenink, 2013) e cortados em trechos menores.

Para a gravação dos estímulos, fornecemos aos falantes um roteiro que incluía: (i) os enunciados a serem proferidos, (ii) os contextos que situavam os enunciados em situações dialógicas e pragmáticas específicas e (iii) o contexto de enunciação (gentil, agressivo e neutro). Durante o processo de gravação, pedimos para que cada falante pronunciasse o enunciado pelo menos três vezes, selecionando sempre a segunda elocução para a aplicação experimental.

Dentre as 12 gravações de cada falante, temos: (i) 4 estímulos auditivos gravados com entoação neutra, (ii) 4 estímulos auditivos gravados com entoação agressiva, visando transmitir uma emoção irritada e grosseira, e (iii) 4 estímulos auditivos gravados com entoação gentil, com o intuito de expressar uma atitude mais delicada e amigável. Essa divisão foi motivada por dois principais fatores. Em primeiro lugar, levamos em conta os comentários feitos pelos próprios falantes cariocas durante a primeira etapa metodológica desta pesquisa, pois, segundo eles, a

entoação utilizada ao pronunciar as formas possessivas *teu* e *seu* poderia ser um fator relevante na associação das variáveis a índices como agressividade, gentileza ou formalidade.

Diante disso, ao decidirmos controlar a influência dos contextos de enunciação na variação dos pronomes possessivos *teu* e *seu*, escolhemos dois contextos que se diferenciam significativamente em relação à sua curva prosódica, a saber, o agressivo e o gentil. Incluímos também um contexto de entoação neutra, para que ele servisse como parâmetro de observação e comparação. Nossa intenção ao empregar diferentes contextos entoacionais no experimento era evidenciar que, embora os aspectos suprasegmentais pudessem afetar o julgamento dos falantes, existiria um certo grau de cristalização de significados sociais nas próprias variantes possessivas, independentemente do contexto em que estivessem inseridas.

Programamos a tarefa de julgamento no *Qualtrics* (Qualtrics,PROVO, UT), um software de pesquisa que facilita a criação, envio e análise de questionários online. A tarefa continha 24 perguntas, correspondendo ao número de estímulos auditivos gravados. Tal experimento foi projetado a fim de fornecer evidências empíricas para responder às seguintes questões de pesquisa: (i) os falantes cariocas percebem e avaliam as formas possessivas *teu* e *seu* de maneiras distintas?; (ii) os falantes cariocas percebem o *teu* como uma variante mais informal do que o *seu*?; (iii) quais são os significados sociais que são indexicalizados à variante *teu*?; (iv) a variante *teu* é associada a uma performance de masculinidade?; (v) a variável contexto entoacional influencia a percepção das variantes *teu* e *seu*?

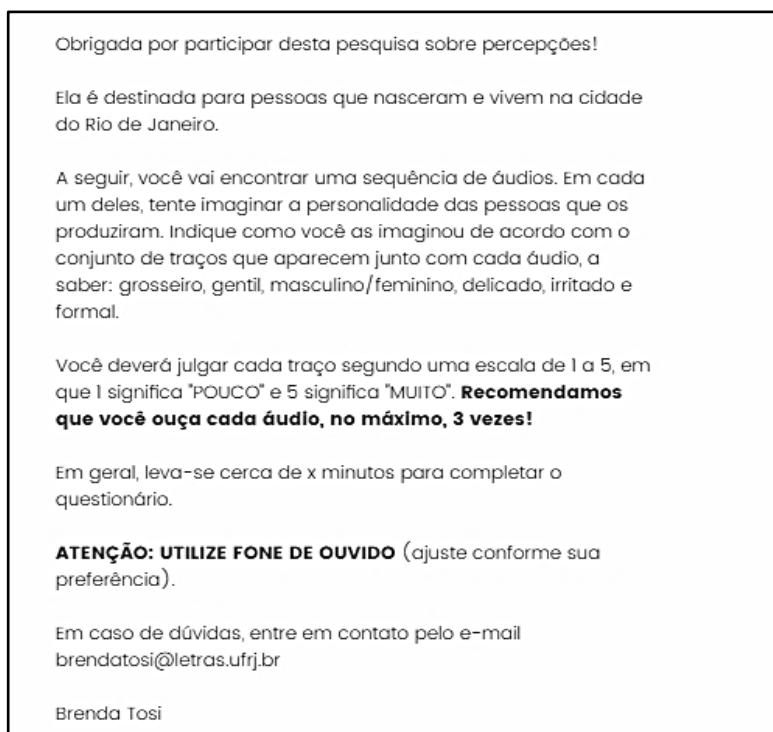
A partir dessas questões pontuadas, foram formuladas as seguintes previsões experimentais: (i) os participantes irão avaliar os enunciados com os pronomes *teu* e *seu* de maneira distinta, registrando diferentes padrões de notas atribuídas através da escala de cinco pontos; (ii) quanto ao índice de formalidade, os participantes atribuirão notas mais baixas na escala para os enunciados com a variante *teu*; (iii) quanto aos índices grosseria e irritação, os participantes atribuirão notas mais altas para os enunciados com *teu*; já em relação aos índices gentileza e delicadeza, os participantes atribuirão notas mais baixas para os áudios com esta variante; (iv) quanto ao índice de masculinidade, os participantes atribuirão notas mais altas para os enunciados contendo o pronome *teu*; (v) os significados sociais indexados às variantes possessivas serão evidenciados no contexto neutro, enfatizados no contexto agressivo e neutralizados no contexto gentil.

A aplicação do experimento ocorreu presencialmente na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Para a seleção dos participantes, estabelecemos

os seguintes requisitos: (i) falantes nativos da cidade do Rio de Janeiro; (ii) calouros da Faculdade de Letras; (iii) caso não fossem calouros, indivíduos sem formação na área de linguagens. O experimento foi aplicado separadamente, considerando o tempo total do cumprimento da tarefa. No total, 25 sujeitos participaram do experimento, sendo 11 homens e 14 mulheres. A idade dos participantes variava de 18 a 54 anos, mas a maioria era jovem e tinha entre 18 e 25 anos.

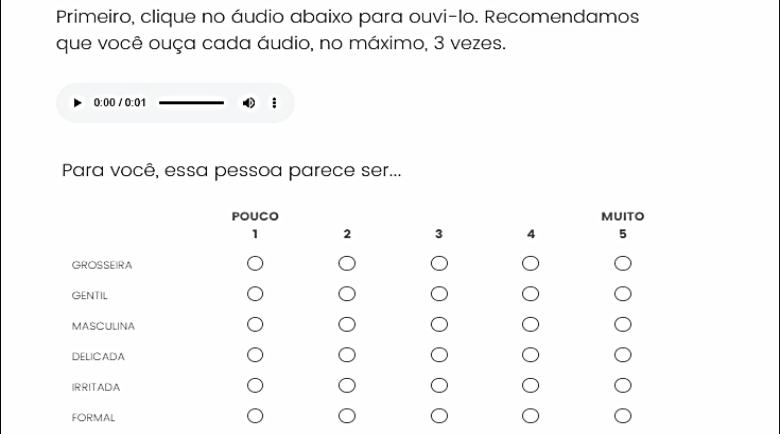
Ilustramos, nas figs. 4 e 5, duas telas com etapas distintas da execução do experimento. Na figura 4, reproduzimos a tela inicial do experimento. Nela havia um texto informativo que explicava de forma breve o funcionamento de toda a tarefa e algumas instruções. Logo após esse texto, o experimento se iniciava.

Figura 4: Tela principal e inicial do experimento.



Fonte: Elaboração própria.

Na fig. 5, reproduzimos a disposição dos estímulos auditivos e dos índices sociais dispostos juntamente das escalas *Likert*:

Figura 5: Tela dos índices do experimento.

Primeiro, clique no áudio abaixo para ouvi-lo. Recomendamos que você ouça cada áudio, no máximo, 3 vezes.

▶ 0:00 / 0:01

Para você, essa pessoa parece ser...

	POUCO 1	2	3	4	MUITO 5
GROSSEIRA	<input type="radio"/>				
GENTIL	<input type="radio"/>				
MASCULINA	<input type="radio"/>				
DELICADA	<input type="radio"/>				
IRRITADA	<input type="radio"/>				
FORMAL	<input type="radio"/>				

Fonte: elaboração própria.

Ao final do experimento, solicitávamos aos participantes que fornecessem algumas informações sociodemográficas básicas, como idade e sexo/gênero. Estas nos auxiliaram no agrupamento dos julgamentos e na análise dos dados. Em termos gerais, os voluntários que participaram do experimento cumpriram a tarefa sem encontrar dificuldades. No que diz respeito ao tempo de execução, cada participante levou, em média, 15 minutos para concluir o experimento.

5 Análise dos resultados

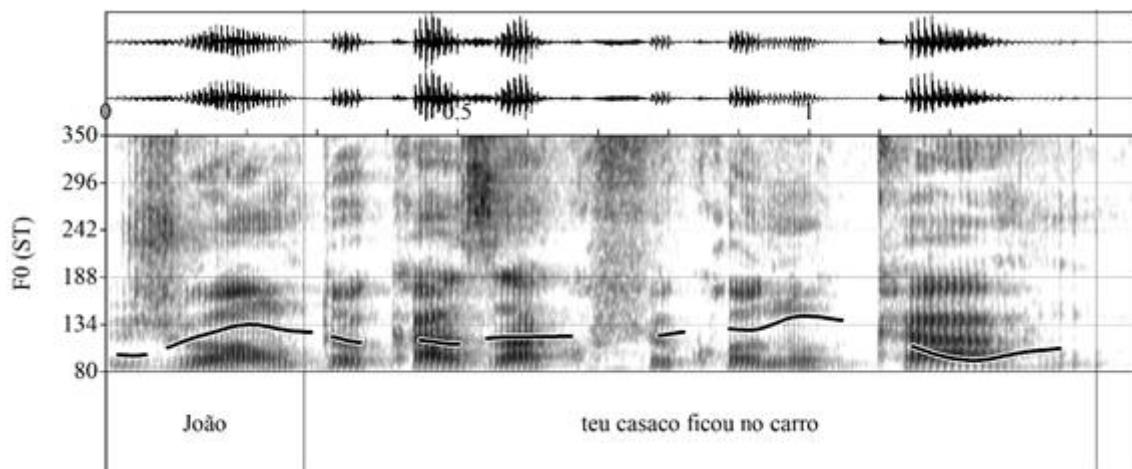
5.1 Análise melódica

Os enunciados que compõem nosso corpus foram submetidos à análise com o programa Praat (Boersma; Weenink, 1992-2024), tendo sua prosódia acústica descrita por uma perspectiva multidimensional (Scherer, 2003), levando em conta as variáveis “evolução da linha melódica” e “alongamentos vocálicos”, com a finalidade de caracterizar acusticamente cada um dos contextos elicitados pelos falantes. Para tal, apresentamos a análise prosódica para cada contexto de enunciação considerado (neutro, agressivo e gentil).

5.1.1 Contexto de enunciação neutro

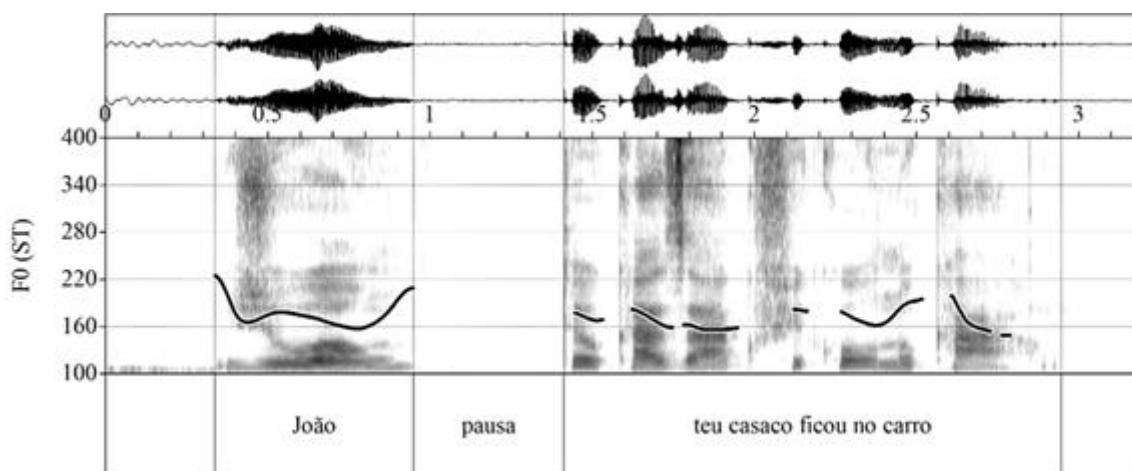
O contexto de enunciação que definimos como “neutro” consiste na comunicação de uma informação ao interlocutor de maneira objetiva, sem a expressão de uma emoção ou atitude específica. A prosódia é caracterizada por menor variação melódica e duracional. Por exemplo, no contexto de produção do enunciado do *corpus*, o falante deve informar ao seu interlocutor, o João, que o casaco dele ficou no carro, uma vez que João está procurando o casaco e não o encontra. De posse dessa informação, o falante, então, avisa: “João, teu casaco ficou no carro”. As figs. 6 e 7 ilustram a produção dos falantes masculino e feminino, respectivamente:

Figura 6: enunciado “João, teu casaco ficou no carro” pronunciado com entoação neutra pelo falante do sexo/gênero masculino.



Fonte: elaboração própria.

Figura 7: enunciado “João, teu casaco ficou no carro” pronunciado com entoação neutra pela falante do sexo/gênero feminino.



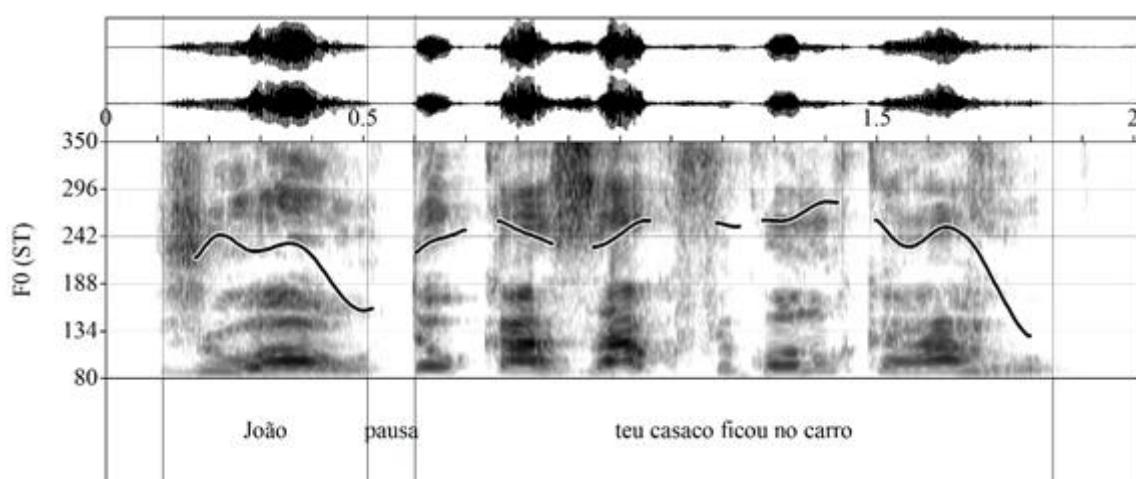
Fonte: elaboração própria.

Como podemos observar, os contornos melódicos em questão não apresentam grande variação melódica, registrando F0 médias de 123 Hz, para o informante masculino, e 171 Hz, para a informante feminina. Para esta, no entanto, é realizada uma pausa (463 ms) entre o vocativo “João” e o restante do enunciado, “teu casaco ficou no carro”, enquanto o informante masculino não lança mão deste recurso. Em termos de evolução da linha melódica, é interessante destacar o contorno de F0 sobre o vocativo “João”, na produção da informante feminina, que realiza um movimento ascendente, delimitando uma fronteira alta ao final deste domínio prosódico.

5.1.2 Contexto de enunciação agressivo

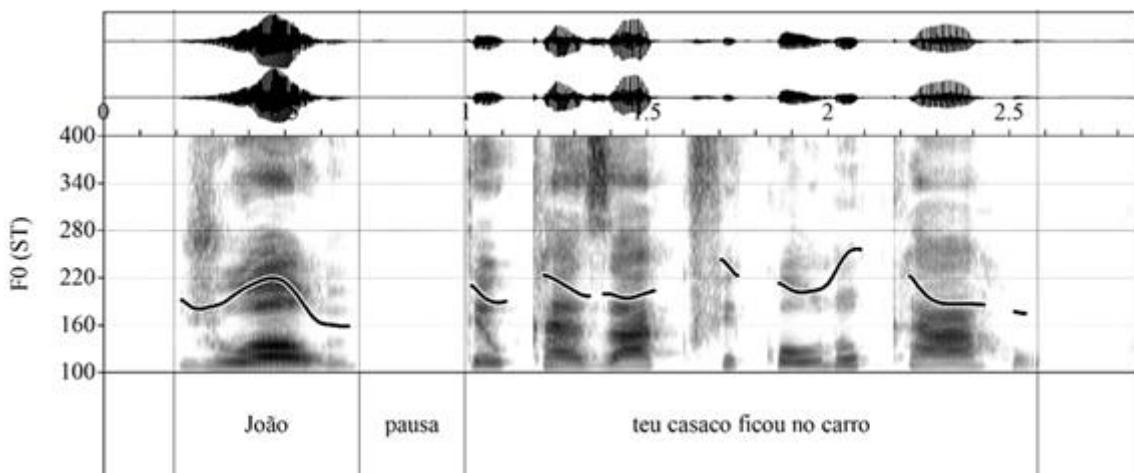
Para a enunciação agressiva, delineamos o seguinte contexto comunicativo: o falante, sabendo que seu interlocutor é muito desatento e sempre pergunta insistente por suas coisas, chama a atenção dele. Assim, o falante encontra-se exaltado com seu interlocutor, ao produzir o enunciado “João, teu casaco ficou no carro”. As fig. 8 e 9 apresentam, respectivamente, os contornos melódicos das produções dos informantes masculino e feminino para a enunciação agressiva.

Figura 8: enunciado “João, teu casaco ficou no carro” pronunciado com entoação agressiva pelo falante do sexo/gênero masculino.



Fonte: elaboração própria.

Figura 9: enunciado “João, teu casaco ficou no carro” pronunciado com entoação agressiva pela falante do sexo/gênero feminino.



Fonte: elaboração própria.

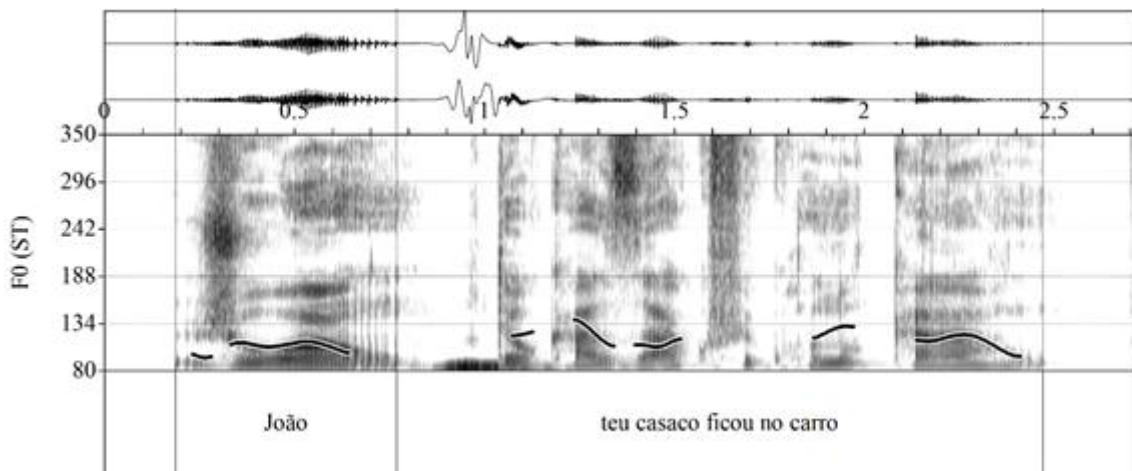
Percebemos, nesse contexto, que a produção do informante masculino delineia-se de forma bem distinta em relação ao contexto de enunciação neutra. A variação melódica registrada é alta, com valor médio de F0 correspondente a 230 Hz (aumento de 87%, considerando o contexto neutro). Além disso, o falante masculino realiza uma breve pausa (92 ms), estabelecendo uma fronteira prosódica entre o vocativo “João” e o enunciado “teu casaco ficou no carro”.

Já para a informante feminina, a variação melódica é maior, quando comparado com a enunciação neutra, porém, não tão expressiva, se considerada a variação melódica do informante masculino. O valor médio de F0 alcançado pela informante feminina no contexto de enunciação agressiva é de 199 Hz (aumento de 16%, considerando o contexto neutro). A estratégia duracional, no entanto, é utilizada de forma mais contundente, com a realização de uma pausa de 292ms, entre o vocativo e o enunciado. Este valor corresponde a uma redução de 37% em relação ao contexto neutro.

5.1.3 Contexto de enunciação gentil

Definimos pragmaticamente o contexto de enunciação gentil como uma atitude de empatia do falante em relação ao seu interlocutor. O falante percebe que João está nervoso, procurando seu casaco, e pode se atrasar para um compromisso. A fim de ajudá-lo, informa gentilmente: “João, teu casaco ficou no carro”. As figs. 10 e 11 apresentam as produções dos falantes masculino e feminino para o contexto de enunciação gentil, respectivamente.

Figura 10: enunciado “João, teu casaco ficou no carro” pronunciado com entoação gentil pelo falante do sexo/gênero masculino.



Fonte: elaboração própria.

Figura 11: enunciado “João, teu casaco ficou no carro” pronunciado com entoação gentil pela falante do sexo/gênero feminino.



Fonte: elaboração própria.

A produção dos falantes masculino e feminino para o contexto de enunciação gentil se assemelham, em sua realização melódica, às suas produções para o contexto de enunciação neutro, atingindo, respectivamente, 113 Hz (diminuição de apenas 8%, em comparação ao contexto neutro) e 180 Hz de F0 média (aumento de apenas 5%, em comparação ao contexto neutro). No entanto, em relação à estratégia duracional, podemos observar a realização de pausa

(639 ms – 38% de aumento) entre o vocativo “João” e o enunciado “teu casaco ficou no carro”, pela informante feminina, enquanto o informante masculino não utiliza essa estratégia.

5.1.4 Discussão da análise melódica

A descrição das produções dos informantes masculino e feminino revelou a adoção de diferentes estratégias para a realização de cada contexto⁸: enquanto o informante masculino utiliza a estratégia melódica, variando a frequência fundamental para caracterizar os contextos de enunciação, a informante feminina marca cada contexto através da estratégia duracional, com a realização de pausas entre o vocativo e o restante do enunciado. Esta diferença pode indicar uma variação não somente dos recursos prosódicos na função expressiva, mas também uma escolha possivelmente condicionada ao gênero.

O exame dessas descrições é de grande importância para a análise das variantes possessivas de 2SG em foco neste estudo. Tendo em vista que os falantes da variedade carioca do PB correlacionaram, na etapa de abordagem direta, o uso do pronome *teu* a certos estados de ânimo compatíveis com o contexto de enunciação agressivo (“nervoso”, “incisivo” e “briga”, por exemplo), é importante verificar até que ponto o significado social de grosseria/agressividade é vinculado a essa variante. No mesmo sentido, cumpre observar em que medida os fatores melódicos descritos contribuem, reforçam ou mesmo atenuam a percepção dos pronomes possessivos de 2SG.

Com base nas distinções prosódicas observadas nos três contextos de enunciação controlados, passemos à análise dos julgamentos dos participantes que ouviram os diferentes áudios, contendo as variantes possessivas nos três contextos de enunciação, e os avaliaram segundo o conjunto de índices apresentados.

5.2 Análise experimental

⁸ Vale dizer que há estudos que sustentam a relação entre estratégias prosódicas de produção e fatores de gênero. Fuchs e Toda (2010), em uma investigação sobre o trato vocal de homens e mulheres, concluíram que as diferenças na produção oral não se devem apenas a fatores anatômicos, mas também a hábitos articulatórios adquiridos nas interações sociais. Esses achados corroboram a hipótese de que escolhas prosódicas podem ser influenciadas por aspectos socioculturais vinculados ao gênero.

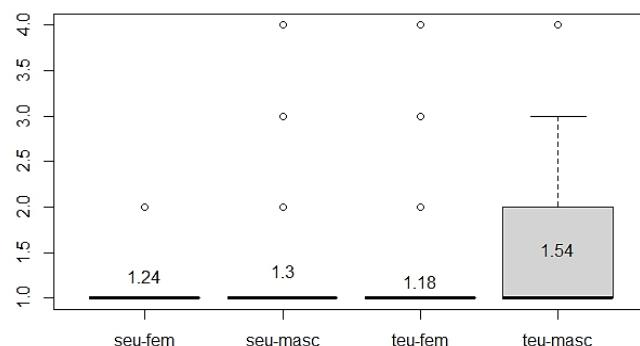
Após a aplicação do experimento, os dados obtidos receberam tratamento estatístico na plataforma R (R Core team, 2009-2024). Neste artigo, analisaremos somente os resultados relativos aos índices de *grosseria* e *informalidade*. Tais resultados compreendem (i) a *rodada por condição experimental*, na qual contemplamos os julgamentos dos estímulos considerando a variante pronominal ouvida e sexo/gênero do falante da gravação, dentro de cada contexto de enunciação e (ii) a *rodada por tipo de pronome*, na qual observamos os julgamentos das variantes possessivas, sem considerar o sexo/gênero da voz do falante.

Para tanto, resumimos as respostas dos participantes em gráficos de caixa (*boxplots*), que exibem a concentração e a dispersão dos julgamentos na escala de notas empregada. As análises de estatística inferencial também foram feitas na plataforma R. Considerando a natureza ordinal da variável dependente, utilizamos o teste de Kruskal-Wallis. Analogamente ao modo de apresentação adotado na subseção 5.1, também apresentamos os resultados experimentais em função dos contextos de enunciação (neutro, agressivo e gentil) estabelecidos para a gravação dos enunciados.

5.2.1 Contexto de enunciação neutro

Iniciamos a análise a partir dos julgamentos realizados para o índice de *grosseria*. No gráf.1, temos a distribuição das notas atribuídas pelos participantes. Como podemos verificar, a condição *teu-masc* foi avaliada, pelos falantes cariocas, como a mais grosseira. É possível observar que essa condição registrou uma média de 1.54 e uma mediana 1, apresentando uma concentração de notas que se situa entre os pontos 1 e 2 da escala. Além disso, notamos que essa é a única condição que apresenta a linha de dispersão de notas superior, que alcança o ponto 3 da escala. Em contrapartida, as outras condições controladas - *seu-fem* (média 1.24), *seu-masc* (média 1.3) e *teu-fem* (média 1.18) - não exibem dispersão de notas, concentrando suas avaliações no ponto mínimo da escala (1).

Gráfico 1: Distribuição das notas atribuídas para o índice *grosseria* no contexto *neutro*.

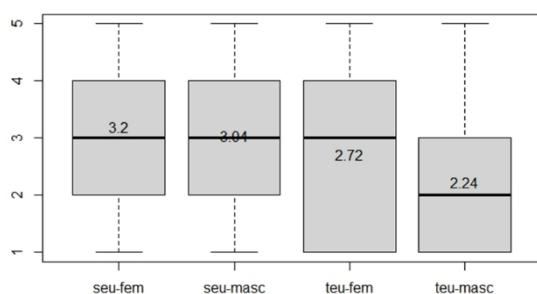


Fonte: elaboração própria.

Esse resultado sugere que a condição *teu-masc* se alinha ao esperado, sendo percebida e avaliada como a mais grosseira entre as condições analisadas. Na análise de estatística inferencial do índice de *grosseria*, considerando a *rodada por condição experimental*, os resultados apontaram diferença significativa apenas entre as condições *teu-fem-teu-masc* ($\chi^2 = 3,15$, $p < 0,05$). Sendo assim, com base nesses resultados, vemos que o possessivo *teu*, quando produzido por um homem dentro do contexto prosódico *neutro*, foi percebido como mais *grosseiro* pelos participantes.

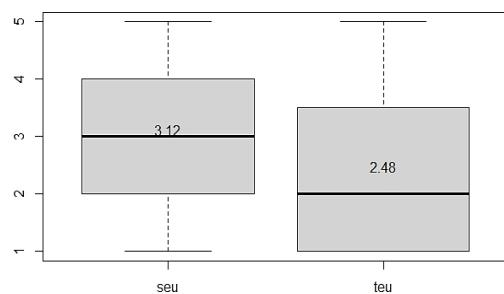
Passemos aos dados de julgamento obtidos a partir do índice de *formalidade*. No gráf. 2, temos a distribuição das notas atribuídas pelos participantes para esse índice.

Gráfico 2: Distribuição das notas atribuídas para o índice *formalidade* no contexto *neutro*.



Fonte: elaboração própria.

Gráfico 3: Notas atribuídas para o índice *formalidade* no contexto *neutro* segundo o tipo de pronome.



Fonte: elaboração própria.

Conforme podemos observar, a condição *teu-masc* foi avaliada como a menos formal, registrando uma média de 2.24 e linha mediana no ponto 2. Além disso, a caixa de concentração de notas se localiza entre os pontos 1 e 3 da escala, enquanto as caixas das outras condições -

seu-fem (média 3.2), *seu-masc* (média 3.04) e *teu-fem* (média 2.72) - se situam até o ponto 4. No que diz respeito à dispersão, todas as condições apresentam uma linha superior até o ponto 5; contudo, apenas *seu-fem* e *seu-masc* possuem linhas de dispersão inferior, alcançando o ponto 1. As únicas condições com as caixas de concentração localizadas no ponto mínimo (1) são *teu-fem* e *teu-masc*.

Ao realizar as análises de estatística inferencial, constatamos que as rodadas *por condição experimental* ($\chi^2 = 14,80$, $p < 0,01$) e *por tipo de pronome* ($\chi^2 = 11,12$, $p < 0,001$) registraram diferenças significativas. Na rodada *por condição*, houve diferença significativa entre os pares *seu-fem* – *teu-masc* ($\chi^2 = 3,68$, $p < 0,001$) e *seu-masc* – *teu-masc* ($\chi^2 = 3,06$, $p < 0,05$). Os resultados apontam que os participantes cariocas perceberam o possessivo *teu* produzido por uma voz masculina (*teu-masc*) como menos *formal*, ao passo que o pronome *seu* produzido por uma voz feminina (*seu-fem*) ou masculina (*seu-masc*) foi avaliado como mais formal.

Em relação à *rodada por tipo de pronome*, encontramos um efeito significativo da variável *tipo de pronome possessivo*. Considerando a distribuição de notas exibida no gráf. 3, percebemos que o possessivo *teu* foi avaliado como menos formal. Vemos que a caixa de concentração de notas referente a essa variante ocupa a região do ponto 1 até a área entre os pontos 3 e 4 da escala. Já a caixa de concentração de notas para a variante *seu* se situa entre os pontos 2 e 4. Além disso, há linhas de dispersão no sentido superior (5) e inferior (1) da escala para *seu*, enquanto, para os dados de *teu*, só há a linha de dispersão superior (5). Quanto às medidas de tendência central, *teu* registra média de 2.48 e mediana em 2, frente à média de 3.12 e mediana em 3 para *seu*. Com base nesses resultados, verificamos que o possessivo *teu* foi avaliado como a variante menos formal no contexto prosódico neutro, independentemente do sexo/gênero do locutor.

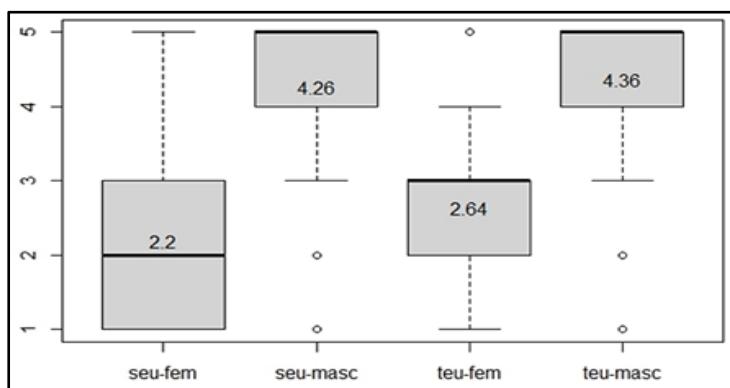
Conjugando os resultados descritos nesta subseção, temos que os participantes cariocas perceberam, no contexto prosódico *neutro*, o possessivo *teu* como a variante mais *agressiva* e menos *formal* do que *seu*. Quanto ao contexto de enunciação *neutro* (que se caracteriza por contornos melódicos mais lineares e equilibrados, constantes e pouco marcados), observamos que não houve uma interação evidente entre aspectos suprasegmentais e o fenômeno variável analisado, uma vez que os índices estilísticos parecem ter sido avaliados segundo os valores sociais dos pronomes possessivos na variedade carioca, já assinalados em pesquisas anteriores. Assim, nesse contexto de enunciação, encontramos oscilações nos julgamentos condicionados pelo tipo de pronome e pela voz ouvida nos enunciados (masculina ou feminina).

Dessa forma, esses resultados vão ao encontro da nossa hipótese segundo a qual os *significados sociais* indexados pelas variantes possessivas em análise são evidenciados no contexto de enunciação neutro. Vejamos, na próxima subseção, os resultados referentes ao contexto de enunciação agressiva.

5.2.2 Contexto de enunciação agressivo

Focalizamos, nesta subseção, os resultados obtidos a partir da avaliação dos possessivos *teu* e *seu* em estímulos sonoros produzidos segundo um contexto de enunciação agressiva. Contemplando primeiramente o índice de *grosseria*, ilustramos no gráf. 4 a distribuição das notas atribuídas pelos participantes. Como podemos visualizar, as condições com as concentrações de notas mais elevadas são *seu-masc* e *teu-masc*, enquanto as outras duas condições (*seu-fem* e *teu-fem*) apresentam concentrações em regiões mais baixas da escala. Contudo, embora as condições relacionadas à voz feminina tenham sido avaliadas como menos grosseiras (se comparadas às condições relacionadas à voz masculina), as notas atribuídas para essas condições apresentam diferenças importantes.

Gráfico 4: Distribuição das notas atribuídas para o índice *grosseria* no contexto agressivo.



Fonte: elaboração própria.

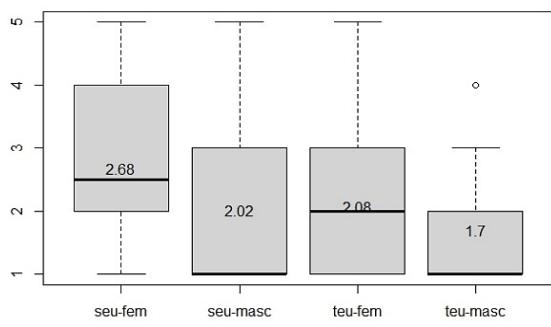
Observamos um padrão similar entre as condições *seu-masc* e *teu-masc*. Ambas registram a mediana em 5 e a caixa de concentração entre os pontos 4 e 5. As médias também são altas: 4.26 e 4.36, respectivamente. Tais condições também exibem o mesmo limite inferior de dispersão, no ponto 3 da escala. Já a condição *seu-fem* tem a mediana em 2 e média de 2.2, com a caixa de concentração de notas entre os pontos 1 e 3. A linha de dispersão se estende até o ponto 5. Por

sua vez, a condição *teu-fem*, apresenta mediana em 3 e média de 2.64. A concentração das notas se situa entre os pontos 2 e 3. A linha de dispersão superior atinge o ponto 4, enquanto a inferior alcança o ponto 1 da escala.

Na análise estatística, verificamos que, para o índice de *grosseria*, houve diferenças significativas entre as condições ($\chi^2 = 85,32$, $p < 0,001$). Na comparação por condições, temos: (a) *seu-fem* – *seu-masc* ($\chi^2 = 9,00$, $p < 0,001$); (b) *seu-fem* – *teu-masc* ($\chi^2 = 9,64$, $p < 0,001$); (c) *seu-masc* – *teu-fem* ($\chi^2 = 7,32$, $p < 0,001$); (d) *teu-fem* – *teu-masc* ($\chi^2 = 7,96$, $p < 0,001$). Esses resultados indicam que os participantes avaliaram os enunciados experimentais como mais *grosseiros* quando estes eram produzidos por uma voz masculina, independentemente do tipo de pronome ouvido.

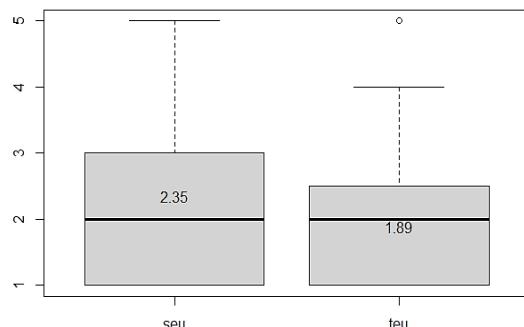
Avançando para o índice de *formalidade*, temos, no gráf. 5, a distribuição das notas por condição a partir dos estímulos auditivos ouvidos com entoação agressiva. Primeiramente, vemos que a condição *teu-masc* foi percebida como a menos *formal*, registrando a menor média (1.7) e com mediana em 1. A caixa de concentração de notas se localiza entre os pontos 1 e 2 da escala. As condições *seu-masc* (média 2.02; mediana em 1) e *teu-fem* (média 2.08; mediana em 2) têm as caixas de concentração situadas entre 1 e 3. Já a condição *seu-fem* (média 2.68; mediana em 2.5) apresenta a concentração de notas mais elevada, entre os pontos 2 e 4. Quanto às linhas de dispersão, as condições *seu-fem*, *seu-masc* e *teu-fem* apresentam linha superior até o ponto 5; *seu-fem* apresenta dispersão inferior até o ponto 1; a condição *teu-masc* exibe apenas linha de dispersão superior até o ponto 3.

Gráfico 5: Distribuição das notas atribuídas para o índice *formalidade* no contexto *agressivo*.



Fonte: elaboração própria.

Gráfico 6: Notas atribuídas para o índice *formalidade* no contexto *agressivo* segundo o tipo de pronome.



Fonte: elaboração própria.

Na análise de estatística inferencial, verificamos diferenças significativas na comparação por condições ($\chi^2 = 21,35$, $p < 0,001$). Dentre elas, três comparações foram relevantes: *seu-fem* – *seu-masc* ($3,59$, $p < 0,01$), *seu-fem* – *teu-fem* ($\chi^2 = 2,79$, $p < 0,05$) e *seu-fem* – *teu-masc* ($4,62$, $p < 0,001$). Esses resultados sugerem que os participantes cariocas avaliaram *seu-masc* como menos *formal* do que *seu-fem*. Além disso, *teu-fem* foi avaliado como menos *formal* do que *seu-fem*. Por fim, *teu-masc* foi considerado menos *formal* *seu-fem*.

No que tange à comparação por tipo de pronome, encontramos um efeito significativo, de maneira independente, sobre os julgamentos realizados pelos participantes ($\chi^2 = 6,66$, $p < 0,01$). Como podemos visualizar no gráf. 6, o possessivo *teu* foi percebido como a variante menos *formal*, registrando média de notas de 1.89 e mediana em 2. As notas se concentram do ponto 1 até a região entre os pontos 2 e 3 da escala. Em contrapartida, a variante *seu* registra uma média de 2.35 e mediana em 2, com concentração de notas entre os pontos 1 e 3. Quanto aos limites de dispersão, *seu* apresenta uma linha superior até o ponto 5 da escala, e *teu* exibe uma linha superior até o ponto 4. Assim, notamos que os participantes cariocas avaliaram, para o índice de *formalidade*, dentro do contexto de enunciação *agressiva*, o possessivo *teu* como menos *formal* do que o possessivo *seu*.

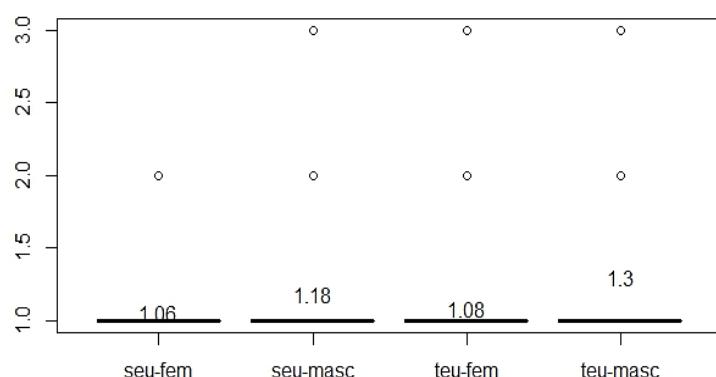
Neste contexto, percebemos uma interação entre os aspectos prosódicos e a avaliação das variantes pronominais possessivas. Os resultados sugerem que os julgamentos foram influenciados pelos aspectos suprasegmentais, visto que os participantes parecem ter avaliado os estímulos auditivos considerando mais a oposição entre voz masculina e voz feminina, e menos o contraste entre as variantes *teu* e *seu*. Especificamente, nesse contexto de enunciação, a voz masculina parece ter neutralizado a percepção dos significados sociais associados aos pronomes possessivos. Por hipótese, assumimos que o aumento melódico na curva da voz masculina (descrito em 5.1.2) foi o principal fator para a preponderância dos aspectos suprasegmentais e para a influência significativa do sexo/gênero do falante nas avaliações dos participantes. Desse modo, acreditamos que os significados sociais indexados às variantes possessivas foram atenuados pelo contexto agressivo.

Para concluir esta subseção de análise experimental, exploramos, a seguir, os resultados relativos ao contexto de enunciação gentil.

5.2.3 Contexto de enunciação gentil

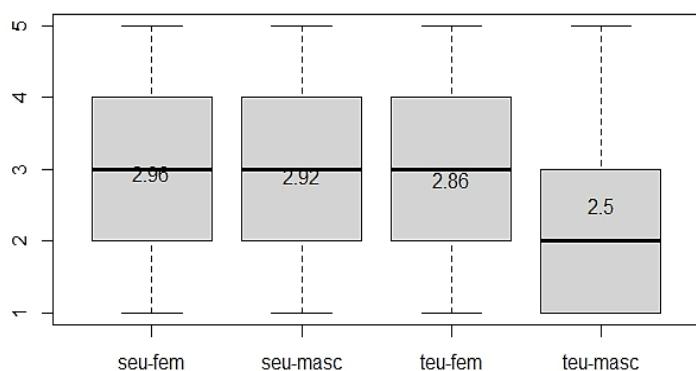
O terceiro e último contexto de enunciação controlado foi o que expressava gentileza por parte dos falantes. No gráf. 7, ilustramos a distribuição das notas atribuídas pelos participantes para o índice de *grosseria*. Como podemos verificar, a condição *teu-masc* foi avaliada como a mais *grosseira*, registrando a maior média dentre as demais (1.3) - *seu-fem* (média 1.24), *seu-masc* (média 1.3) e *teu-fem* (média 1.18). No que se refere às medianas, todas as condições obtiveram o mesmo índice, além de não possuírem dispersão de notas. Essas se concentraram expressivamente no ponto 1 da escala.

Gráfico 7: Distribuição das notas atribuídas para o índice *grosseria* no contexto *gentil*.



Fonte: elaboração própria.

Apesar da distribuição bastante similar, na análise estatística, verificamos que houve diferenças significativas ($\chi^2 = 10,16$, $p < 0,05$), sendo relevantes as comparações entre *teu-fem* – *teu-masc* ($\chi^2 = 2,73$, $p < 0,05$) e *seu-fem* – *teu-masc* ($\chi^2 = 2,76$, $p < 0,05$). Tais resultados sugerem que os participantes cariocas perceberam o possessivo *teu* como sendo relativamente mais *grosseiro* quando produzido pela voz masculina. A menor percepção de *grosseria*, nesse contexto, se deu quanto o pronome utilizado era *seu* e a voz ouvida era feminina.

Gráfico 8: Distribuição das notas atribuídas para o índice *formalidade* no contexto *gentil*.


Fonte: elaboração própria.

No que se refere aos julgamentos para o índice de *formalidade*, podemos observar, no gráf. 8, a distribuição das notas atribuídas pelos participantes. Conforme evidenciam os padrões registrados na figura, a condição *teu-masc*, mais uma vez, teve um padrão de avaliação destacado dos demais, tendo sido percebida como a menos *formal* (média de 2.5 e mediana em 2). As demais condições registraram mediana em 3, com médias aproximadas (*seu-fem* = 2.96; *seu-masc* = 2.92; *teu-fem* = 2.86). Notamos, ainda, diferenças nas concentrações de notas (*teu-masc* entre os pontos 1 e 3, as demais, entre 2 e 4) e nas linhas de dispersão inferiores (todas, exceto *teu-masc*, até o ponto 1). Ao verificar se as diferenças observadas entre os padrões de notas são estatisticamente relevantes, verificamos que não houve significância em nenhuma das comparações entre condições ($\chi^2 = 1,66$, $p = 0,19$).

Como mostramos em 5.1.3, o contexto de enunciação *gentil* se caracterizou, para os falantes gravados neste estudo, como menos marcado, apresentando baixa flutuação melódica e níveis reduzidos de frequência fundamental, em contraste com o padrão observado no contexto agressivo. Acreditamos que tais características contribuíram para uma ênfase menor nos significados sociais associados às variantes *teu* e *seu*. Nesse contexto, poucos resultados foram estatisticamente significativos, o que sugere que ele pode ter neutralizado os significados sociais indexicalizados às formas possessivas em análise.

Considerações finais

Durante nossa investigação, identificamos uma evidente interação entre os aspectos suprasegmentais e a percepção dos participantes cariocas em relação às formas possessivas *teu* e *seu*. Em particular, observamos uma estreita relação entre a voz masculina e a presença do possessivo *teu* nos estímulos, uma vez que a condição experimental *teu-masc* foi frequentemente associada a diferentes significados sociais. Além disso, ao analisarmos o contexto entoacional agressivo, notamos uma forte influência do sexo/gênero do falante. Nesse contexto, grande parte dos julgamentos realizados pareceu ser guiada pelos aspectos suprasegmentais, com os participantes avaliando os estímulos auditivos principalmente com base na oposição entre voz masculina e voz feminina, e não necessariamente no contraste entre *teu* e *seu*.

Tais resultados corroboram a relação estabelecida ao início de nosso estudo entre simbolismo sonoro e avaliação sociolinguística. O código de esforço vocal (Gussenhoven, 2004) é verificado sobretudo na voz masculina, caracterizada por maiores mudanças de pitch na caracterização de diferentes contextos de enunciação, agressivo e gentil. A avaliação da variante *teu* como grosseira e informal é intensificada quando pronunciada pela voz masculina, sobretudo no contexto de enunciação agressivo, em que a variação melódica é mais intensa. Por sua vez, a voz feminina, com menor variação melódica e, portanto, menor esforço vocal, tem sua avaliação em relação aos índices de grosseria e informalidade atenuada. Apesar de utilizar uma estratégia prosódica distinta, a duracional, e não a melódica, para caracterizar cada contexto, esta não é tão efetiva⁹ quanto a estratégia melódica utilizada pela voz masculina no que se refere à avaliação.

De modo geral, os resultados obtidos no experimento corroboram as hipóteses inicialmente formuladas, ao demonstrar que os falantes cariocas percebem e avaliam as formas possessivas *teu* e *seu* como estratégias possessivas dissemelhantes. Especificamente, o pronome *teu* foi associado a significados sociais diversos, como grosseria e informalidade; ao passo que o possessivo *seu* se revelou como uma variante menos marcada, de caráter mais neutro e amplamente aceita em diferentes contextos comunicativos. Ademais, a influência dos aspectos prosódicos sobre a percepção e avaliação dessas variantes pelos falantes mostra-se evidente. Os dados analisados indicam que os elementos suprasegmentais exercem um papel determinante

⁹ Em uma investigação futura, intencionamos minimizar as diferenças observadas na produção dos enunciados, de modo a reduzir a interferência das estratégias prosódicas adotadas nos resultados do experimento de percepção. Como o informante masculino utilizou uma estratégia melódica e a informante feminina, uma estratégia duracional, os dados analisados foram produzidos de forma distinta, o que levanta a possibilidade de um viés nos resultados obtidos. Para contornar essa questão, pretendemos manipular, prosodicamente, as curvas melódicas e re aplicar o experimento, de modo a avaliar em que medida a diferença nas estratégias de produção impactou os resultados e se a nova aplicação levará a diferenças significativas em relação aos dados originalmente obtidos.

tanto no reforço quanto na atenuação dos significados sociais atribuídos às formas possessivas, evidenciando a função expressiva da prosódia (Fónagy, 2003) e o simbolismo sonoro (Ohala, 1994; Gussenhoven, 2004). Os resultados obtidos reforçam, portanto, o papel central dos elementos prosódicos na construção e modulação das avaliações sociais realizadas pelos participantes.

CRediT

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: CAPES

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: A pesquisa foi submetida e aprovada no Comitê de Ética da **Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Processo n. 70279823.4.0000.5582, Parecer n.: 6501154.

Contribuições dos autores:

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. TOSI, Brenda Gonçalves.

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. OLIVEIRA, Thiago Laurentino de.

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. CARNAVAL, Manuella.

Referências

- ABELIN, A. *Studies in Sound Symbolism*. Doctoral dissertation. Gothenburg: Göteborg University. 1999.
- BARBUIO, E. *Percepção da orientação sexual de homens gays e heterossexuais por meio de características acústicas da fala*. João Pessoa, 2016.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer*. 1992-2024. [Computer program]. Disponível em: <<http://www.praat.org/>>.
- CAMPBELL-KIBLER, K. Sociolinguistics and perception. *Language and Linguistics Compass* 4(6), 377–389, 2010.
- CLOPPER, C. G.; PISONI, D. B. Free classification of regional dialects of American English. *Journal of Phonetics*, v. 35, 2007, p. 421-38.

ECKERT, P. The limits of meaning: Social indexicality, variation, and the cline of interiority. *Language*, v. 95, n. 4, 2019, p. 751-776.

FÓNAGY, I. *Des fonctions de l'intonation: essay de synthèse*. In: Flambeau. Tokyo, n.29, p. 1- 20. 2003.

FUCHS, Susanne & TODA, Martine. *Do differences in male versus female /s/ reflect biological or sociophonetic factors?* In *Na interdisciplinary Guide to Turbulent Sounds*. Berlin: Mouton de Gruyter. 2010.

FREITAG, Raquel Meister Ko. *Saliência estrutural, distribucional e sociocognitiva*. Universidade Federal de Sergipe, Brasil, 2018.

GUSSENHOVEN, C. *Meanings of intonation*. In: *The phonology of tone and intonations*. Cambridge University Press, 2004.

HALL-LEW L.; MOORE E.; PODESVA R.J. (orgs.). *Social Meaning and Linguistic Variation: Theorizing the Third Wave*. Cambridge University Press, 2021.

't HART; COLLIER, R.; COHEN, A. *A Perceptual Study of Intonation: An experimental phonetic approach to speech melody*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial. 2008 [1972].

LADD, D. R. *Intonational phonology*. Cambridge: CUP, 1996.

LEVON, E. Sexuality in context: variation and the sociolinguistic perception of identity. *Language in Society*, v. 36, n. 4, 2007, p. 533-54.

LOPES, C. R. S. et alii. A Reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: a posição de sujeito. In: Lopes, C. R. (Org.). *História do Português Brasileiro - Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. São Paulo: Contexto, 2018, p. 24-141.

MACHADO, A. C. M. *As formas de tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ. 2011.

MADUREIRA, S.; DE SOUZA FONTES, M. A.; CAMARGO, Z. Sound symbolism, speech expressivity and cross modality. *Significances (Signifying)*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. p. 98–113, 2020.

NOOTEBOOM, S. The prosody of speech: melody and rhythm. In: HARDCASTLE, W. J. & LAVER, J. (ed.) *The handbook of phonetic sciences*. Oxford: Blackwell Publishers, 1997, p.640-673.

OHALA, J. J. *Sound symbolism, in Proceedings of the 4th Seoul International Conference on Linguistics [SICOL]* 11-15 Aug, 98-103. 1994.

OLIVEIRA, Thiago Laurentino de; TOSI, Brenda Gonçalves. *Os significados sociais da variação seu/teu: investigando os possessivos na fala do ator Fábio Porchat*. Travessias Interativas, São

Cristóvão-SE, v. 14, n. 31, p. 56–69, 2024. DOI: 10.51951/ti.v14i31.p56-69. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/n31p56>. Acesso em: 15 jul. 2025.

OUCHIRO, L. Avaliações e percepções sociolinguísticas. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 50, n. 1, p. 318-336, abr. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v50i1.3100>. Acesso em 15 jan. 2025.

PEREIRA, R. de O. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2016.

R CORE TEAM (2009-2020). R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. URL <https://www.R-project.org/>.

SCARPA, E. M. (org) *Estudos de prosódia*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

SCHERER, K. Vocal communication of emotion: A review of research paradigms. *Speech Communication* 40 2003, pp. 227-256.

SCHÜTZE, C. T.; SPROUSE, J. Judgement data. In: PODESVA R.; DEVYANI; SHARMA (eds.). *Research methods in linguistics*. New York: Cambridge University Press, 2013.

THOMAS, E. R.; REASER, J. 2004. Delimiting perceptual cues used for the ethnic labeling of African American and European American voices. *Journal of Sociolinguistics*, v. 8, n. 1. 2004, p. 54-87.

THOMAS, E. R. Sociolinguistic variables and cognition. *Wiley Interdiscip. Rev.* v. 2, 2011, p. 701-16.

TOSI, Brenda Gonçalves. *O estudo da variação teu/seu: uma análise dos possessivos a partir de esquetes humorísticos*. Monografia. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2021.

TOSI, B. G. *Significados sociais da variação teu/seu: investigando percepções e avaliações sociolinguísticas na variedade carioca*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2024.